

Evasão escolar atinge um em cada quatro jovens

2,8 milhões de adolescentes entre 15 e 17 anos no País sequer se matriculam

Estudo feito pelo Ensino Superior em Negócios, Direito e Engenharia revela que mais da metade dos jovens brasileiros (59%) concluirá o

Ensino Médio com um ano de atraso e a evasão e o abandono, além de prejudicarem o estudante e o desenvolvimento do País, fazem com que

aproximadamente R\$ 35 bilhões sejam desperdiçados todos os anos. Dados da Unesco apontam, ainda, que 74% dos países avançam mais

rapidamente na inclusão de jovens que o Brasil. Com isso, o País levará 200 anos para atingir a meta de universalização do ensino. **PÁGINA A4**

EVASÃO III JUVENTUDE

Triste realidade da nossa educação

Relatório mostra que um em cada quatro jovens entre 15 e 17 anos não estuda ou deve deixar a escola

Jaqueline Harumi
DA AGENCIA ANHANGUERA
jaqueline.ishihawa@rac.com.br

Um em cada quatro jovens entre 15 e 17 anos de idade não estuda ou deve abandonar os estudos até o fim do ano letivo no Brasil. Segundo o relatório "Políticas Públicas para Redução do Abandono e Evasão Escolar de Jovens", elaborado pelo Ensino Superior em Negócios, Direito e Engenharia (Insper) e divulgado no último mês, 2,8 milhões dos 10 milhões desta faixa etária no País, 15% sequer se matriculam, 7% abandonam a escola ou serão reprovados por faltas (5%).

Brasil estagnou nas matrículas entre quem tem de 15 a 16 anos

Conforme o levantamento, mais da metade dos jovens brasileiros (59%) concluirá o Ensino Médio com no máximo um ano de atraso e a evasão (ausência de matrícula no início do ano letivo) e o abandono (desistência no decorrer do ano), além de prejudicarem o jovem e o desenvolvimento do País, fazem com que aproximadamente R\$ 35 bilhões sejam desperdiçados todo ano.

De acordo com os pesquisadores, dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) apontam que 74% dos países avançam mais rapidamente na inclusão de jovens de 15 a 17 anos que o Brasil, que teve estagnação nas matrículas entre quem tem 15 e 16 anos e teve crescimento na porcentagem dos jovens de 17 anos fora da escola de 34% para 39,8% nos últimos 15 anos. Em tal quadro, o Brasil levará 200 anos para atingir a meta de universalização do atendimento escolar para essa faixa etária, meta que, pelo Plano Nacional de Educação, deveria ter sido atingida no ano passado.

A pobreza e a dificuldade de acesso, como falta de escolas próximas e falta de recursos para o transporte até a escola, são as principais causas detalhadas pelos estudiosos, além da inadequação do currículo adotado, do clima escolar e da baixa qualidade dos serviços oferecidos. Como solução, é proposta a criação de políticas públicas, como garantia de acesso aos estudos para moradores de zona rural e menores que cumprem medida socioeducativa, cursos profissionalizantes, sistema de aconselhamento, práticas esportivas e artísticas, aumento das atividades à distância e flexibilização dos horários das aulas e do modelo de avaliação.

Desenvolvido desde julho do ano passado, o estudo foi liderado pelo economista Ricardo Paes de Barros, chefe do Instituto Ayrton Senna, professor titular no Insper e



Estudante pula o muro da Escola Estadual Carlos Gomes, no Centro: dos 10 milhões desta faixa etária no País, 15% sequer se matriculam, 7% abandonam ou serão reprovados por faltas (5%)



Pobreza e dificuldade de acesso, como falta de escolas próximas e falta de recursos para o transporte até a escola, são as principais causas de evasão

coordenador do Núcleo de Ciência pela Educação no Centro de Políticas Públicas, que atuou no Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) por mais de 30 anos e foi subsecretário de Ações Estratégicas da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Organizado pela Fundação Brava, pelo Instituto Unibanco e pelo Instituto Ayrton Senna, o estudo está disponível no site da Galeria de Estudos e Avaliação de Políticas Públicas (Gesta).

"As quatro instituições têm identificado muito a necessidade de uso de evidências na formulação de iniciativas públicas, então a gente

convergiu nesse interesse comum", explicou Marina Gatás, coordenadora de Projetos da Fundação Brava, que lançou conjuntamente a Gesta, com recurso digital e audiovisual para que não só o Governo, mas também a sociedade civil e atuantes da área de educação pensem e proponham "soluções mais efetivas".

Para a professora Nora Krawczyk, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fazer uma projeção de evasão e abandono é impossível e alarmista. "Como essas pessoas podem saber qual vai ser o índice de evasão daqui a dois anos ou da-

qui a um ano quando está mais do que demonstrado que o jovem não planeja deixar a escola", justifica a docente, que é mestre em Estado, Educação e Sociedade, doutora em Educação e membro do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Educação. "Temos que falar da escola, do mercado de trabalho e da sociedade no geral. Não é o jovem que deixa a escola, é a escola que culpa o jovem. É o mercado que não valoriza o conhecimento que pode ser aprendido no Ensino Médio e se aproveita com condições precárias ao jovem que não tem diploma para pagar menos, para oferecer o mercado de trabalho informal. É

a crise econômica que obriga o jovem a sair para trabalhar, um dos aspectos fundamentais numa sociedade que cada vez mais leva em consideração o consumo na vida das pessoas no lazer. As pessoas valorizam o ter e não o ser", explica.

Apesar da crítica, a professora reconhece que é um problema complexo de ser resolvido. "Não é simplesmente dizer que existe direito à educação, não é simplesmente oferecer vaga, não é simplesmente torná-la obrigatória e também não é torná-la mais fácil, mais prática, o que ultimamente tem se utilizado muito. 'Ah, o jovem não vai à escola porque não vê utilida-

de nela'. Mas quando a gente pergunta para os jovens, eles não falam isso, falam que gostam de ir para a escola, gostam de ter um grupo de referência, gostam mais ou menos de uma disciplina ou de uma área – depende muito dos professores, da experiência que eles têm como professores –, mas dizem 'eu preferiria trabalhar.'"

Panorama estadual

Na rede pública estadual de São Paulo, 1,5 milhão de jovens estudam no Ensino Médio, segundo a Secretaria de Educação do Estado, que afirma manter "constante trabalho para manter seus alunos em sala de aula". Conforme a Pasta, os esforços têm surtido efeito, já que a taxa estadual é 31% menor do que a taxa brasileira. "Enquanto no País a evasão escolar marca 6,8% no Ensino Médio, segundo dados do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), São Paulo tem 4,65% no mesmo ciclo, com base no Censo Escolar 2016".

Como exemplo de medidas preventivas, a Secretaria destaca o programa "Quem falta faz falta", que identifica ausências não justificadas por mais de uma vez na semana, aciona via telefone pais e responsáveis para entender qual o motivo. "Esse diferencial de não esperar mais dois ou três dias para comunicar o Conselho Tutelar e Vara da Infância conseguiram baixar os índices", afirma. Outro diferencial mencionado pela pasta é o Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (Ceeja), que o aluno recebe o material de ensino no ato da matrícula e é orientado a criar um plano de estudos para acompanhar as aulas à distância, mas recorrer ao centro para tirar dúvidas presenciais com professores. Das 31 unidades do Ceeja espalhadas pelo Estado, três estão na Região Metropolitana de Campinas (RMC), sendo duas em Americana e uma em Americana.

"É a crise econômica que obriga o jovem a sair para trabalhar (...) As pessoas valorizam o ter e não o ser."

NORA KRAWCZYK

Professora da Unicamp